

a era do doutor  
jovem conservador de direita



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

## Índice

<b>Prefácio à 100.<sup>a</sup> edição .....</b>	<b>9</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>13</b>
<b>Parte I – Ideias .....</b>	<b>17</b>
<b>Capítulo 1 – Ideologia: A arte de estar certo .....</b>	<b>19</b>
<b>Capítulo 2 – Economia: As pessoas são números e isso não tem nada de mal .....</b>	<b>37</b>
<b>Capítulo 3 – A minha luta nas grandes questões sociais .....</b>	<b>69</b>
<b>Parte II – Moral .....</b>	<b>101</b>
<b>Capítulo 4 – Educação: A importância de ser Doutor ...</b>	<b>103</b>
<b>Capítulo 5 – Dr. Nuno Melo: O diário da nossa paixão (intelectual e fraterna, nada mais) .....</b>	<b>131</b>
<b>Capítulo 6 – Religião: Porque faço o Bem .....</b>	<b>171</b>
<b>Parte III – Tempos Livres .....</b>	<b>189</b>
<b>Capítulo 7 – Sexualidade: A bênção da reprodução ...</b>	<b>191</b>
<b>Capítulo 8 – Cultura: Livros e isso .....</b>	<b>209</b>
<b>Conclusão – O meu futuro. Logo, o de Portugal .....</b>	<b>231</b>
<b>Epílogo – O surpreendente twist final e a prova de que este livro salva vidas .....</b>	<b>235</b>



## Prefácio à 100.<sup>a</sup> edição



**É** com enorme orgulho que ostento o título de escritor português mais lido, a seguir ao Dr. Camões, com a chegada a esta centésima edição e ao bonito número de dois milhões de exemplares vendidos. E só não estou à frente do Dr. Camões porque ele conta com um avanço de mais de 500 anos sobre mim. Daqui a uns meses voltamos a conversar.

Para quem duvidava da minha capacidade para escrever um livro, errou redondamente. É claro que não fui eu que o escrevi *per se*, mas os estagiários que compilaram os meus post-its e desenvolveram as ideias que lhes enviei por SMS, com especial destaque para o 3 e para o 17, fizeram um ótimo trabalho.

Quando se está no terreno a operacionalizar medidas que realmente importam, não se tem tempo para escrever ou para outras atividades similares que entram no campo dos passatempos. Não quero com isso minorar a importância do exemplar que tem na sua mão, nem subsumir o meu papel na sua feitura. Como o mercado assim o decidiu, é (por enquanto) o segundo livro mais importante da língua portuguesa de sempre, e não seria possível sem o meu intelecto. O Dr. Jesus Cristo também não escreveu nada e ninguém coloca em causa a autoria das suas palavras, escritas na *Bíblia* pelos seus estagiários da altura: os apóstolos e sucedâneos de apóstolos.

Queria agradecer particularmente à nação que adquiriu mais exemplares do meu livro e vou fazê-lo na sua língua: 정지 먹는 개를 가진 주셔서 감사합니다. O livro não foi traduzido para nenhuma língua

---

<sup>1</sup> “Obrigado por terem deixado de comer cão”.

Uma pequena nota: prometo que esta será a única nota de rodapé, até porque não

mas, como os portugueses demoraram a adquiri-lo, optei por lhe dar um uso no terreno e comprei, através de um programa estatal, um milhão novecentos e noventa e nove mil, novecentos e noventa e nove exemplares, de modo a sobrevoar a Coreia do Norte e tentar espalhar a palavra da direita, libertando-a do jugo da esquerdalhada e de ser liderada por um chefe de Estado, cuja qualidade governativa pode ser medida pelo seu penteado. Pelas últimas informações que obtive, ainda ninguém o leu mas, para orgulho de todos nós, os norte-coreanos deixaram de comer cão e passaram a comer o papel do meu livro que, nas primeiras noventa e nove edições, foi produzido com pasta de hóstia. Quando dizia que se tratava de um livro que alimentava os ideais de direita, nunca esperei uma resposta tão literal dos meus amigos norte-coreanos.

Quando me dizem que sigo as passadas dos portugueses que deram novos mundos ao mundo, e não estou apenas a referir-me ao meu reflexo no espelho, nem ao eco do meu gabinete, sinto uma mistura de orgulho, humildade e sentimento de destino cumprido.

Um bem-haja a todos vós e, porque não, a mim.

---

acredito em notas de rodapé. Tudo o que precisa de saber está no texto. Isto não é nenhuma tese de sociologia, em que se remete quase tudo para rodapé, como que a dizer: “Ai, não percebo nada disto, portanto, leia sobre este assunto em livros de alguém que percebe.” Que bananas! Mais: as notas de rodapé são uma montra do desperdício do dinheiro dos contribuintes em subsídios, porque remetem quase todas para teses que ninguém lê e que são inúteis. A título de exemplo: *As pessoas que andam do lado direito do passeio são mais felizes. O caso de Aljezur. Ou A cadência dos semáforos nas expressões faciais das pessoas*. Em suma, as notas de rodapé servem para mostrar a ignorância do autor e listar outros autores sorvedores de subsídios, que continuam a lesar o Estado.

# A Era do Doutor





---

Na absurda possibilidade de discordar com algo do que se segue, parta sempre do princípio de que o problema é seu, uma vez que tenho a Verdade, Deus e o Dr. Nuno Melo do meu lado.

## Introdução



**M**uitas pessoas perguntam-me “Quem és tu?” e até lhes perdoo o tratamento na segunda pessoa do singular. Elas respondem-me com esta pergunta quando as abordo e lhes digo: “Não necessita de agradecer por tudo o que tenho feito pela nossa pátria.”

Se o leitor é uma dessas pessoas, não precisa de esperar mais. Este livro é para si. Um manual de como se tornar numa melhor pessoa, tomando como exemplo uma das melhores pessoas que conheço: eu. E podia dar-lhe muitos outros exemplos de pessoas que dizem e pensam o mesmo, mas creio que não é preciso perturbar o descanso de outrem quando já tem a minha palavra.

O exemplar que tem na sua mão é único. Foi escrito precisamente para si. Escusa de desviar o olhar para outras secções da livraria/do supermercado/da biblioteca, estou a falar para si, meu caro senhor/minha cara amiga/doutor(a)/engenheiro (risque a hipótese que não se aplica). É para si este manual de bons valores, leia-se de Direita, e que guiará o proprietário deste livro por um caminho reto, honrado e glorioso.

É verdade que poderia ter falado pessoalmente com todos os portugueses e portuguesas, que são hoje menos, mas melhores, do que em 2011, graças ao excelso trabalho do saudoso XIX Governo Constitucional, pelas mãos dos timoneiros Dr. Pedro Passos Coelho e Dr. Paulo Portas. Ambos conseguiram aumentar as exportações de tudo, inclusivamente de pessoas, e deixaram o nosso país bem arejado, implementando medidas que o deixaram praticamente autossustentável, não fosse a usurpação de poder nas eleições do infame 4 de outubro de 2015. A única razão por que não falei com todos e todas prendeu-se



com o facto de o meu médico de família me ter informado de que não tinha as vacinas em dia.

Porquê fazê-lo através de um meio tão antiquado e pouco rentável como um livro, e não através de outro meio mais eficaz e abrangente? É simples. Quem lê é superior aos demais. Eu não o faço porque acho um desperdício de tempo. Como a minha vida já é mais interessante do que a maior parte das que vejo por aí, não preciso de ler nada para me inspirar ou me instigar a fazer algo. Mas tenho noção de que a maior parte não é assim e é por isso que conto consigo para se inspirar com a minha história, levando-o a sentir-se incumbido de a contar a todos os iletrados que encontrar pela frente. Poderá ser meu/minha estagiário(a) nos seus tempos livres e espalhar a palavra da Direita aos pobres de espírito. Juntos, podemos mudar o mundo. Basta, para isso, que me ajudem a conquistar Portugal.

Quem não gostaria de conhecer os primeiros passos do Dr. Viriato e do Dr. D. Afonso Henriques: os seus pensamentos, as suas infâncias, tudo? Hoje, ninguém teria que adiantar hipóteses e não seria preciso o curso de História, sem qualquer utilidade e eficácia social. É precisamente isso que proponho: contar a verdade; ditar a história do maior vulto da Direita portuguesa do século XXI, como me chamarão os meus sucessores e os estudantes de Ciência Política do século XXIV, quando vivermos todos em lofts nos anéis de Saturno.

Quem melhor do que eu para contar a minha história? Se não estiver ocupado, estou comigo praticamente todos os dias e conheço de forma extraordinária as minhas qualidades. Devo dizer que a lista é de tal ordem extensa que ainda nem tive tempo de encontrar defeitos. Começo a acreditar que, se existem, não sei como é que o meu corpo consegue albergá-los lado a lado com tamanhas qualidades. Vou tentar ser o mais objetivo possível, e digo isto porque muitas vezes a minha humildade tolda-me os sentidos.

Escrevi este livro num fim de semana que passei na ilha de S. Miguel, nos Açores. Vim parar aqui ainda não sei bem como, mas quero acreditar que foi movido pela ebriedade das palavras<sup>2</sup>. Recordo-me apenas de uma

---

<sup>2</sup> Não se preocupe comigo. A expressão “ebriedade de palavras” não implica que sucumbi ao sentimentalismo dos poetas. Por mim, tinha escrito este livro no Excel, só com números, macros e fórmulas perfeitas, como a ideologia de Direita. Os editores preferiram em Word, porque o público está habituado assim. É pena que os editores

queda, que me fez rebolar até à extremidade da Lagoa. Não me recordo se me magoei porque tive aí o primeiro sinal. No reflexo da água estava uma imagem inspiradora, precisamente o que necessitava para escrever as primeiras palavras. Era o meu reflexo. Fiquei pasmado com o que vi. Apesar de ter acabado de viver uma experiência de quase-morte, tinha uma expressão calma e o meu cabelo estava impecável. Evitei cometer o erro do banana do Dr. Narciso e tentei ver mais além. Vislumbrei calhaus no fundo da Lagoa. Surgiu-me de imediato na cabeça a frase: “Pedras no caminho? Guardo-as todas. Um dia, vou construir um castelo.” Boa frase! Podia até usá-la neste livro, mas decidi guardá-la para um futuro livro das minhas melhores citações. Estava preparado para escrever o livro de uma assentada. Olhei para o telemóvel, tinha 83 por cento de bateria e a rede no máximo. Era o segundo sinal: o sinal da operadora que necessitava. Enviei mensagens a todos os estagiários e obriguei-os a rumar ao escritório para tratarem de redigir o meu livro.



---

não percebam que existe um antes e um depois da publicação deste livro. O nível de exigência dos leitores vai subir tanto que os próprios editores terão de ser substituídos por gestores; que compreendem melhor o público-alvo e não tomam, na maior parte das vezes, as pessoas como menos capazes, isto é, como burras.

Se dissesse que se tratava de um livro que é fruto de um trabalho árduo, estaria a mentir. Se dissesse que demorei anos a recolher material, a verificar factos e a ordená-lo consoante os cânones tradicionais, perguntaria: Para quê? Quando se parte do lado da verdade, dos ideais de Direita e de uma figura que apenas pratica o Bem, não há nada a temer, como aquela coisa dos artistas, do medo pela página em branco. Que parvoíce! Se está em branco, é só colocar lá palavras! Se é para ter medo, escolham coisas à séria, como por exemplo o Dr. Cavaco Silva apanhar o vírus Freitas do Amaral e começar a votar à esquerda. Nem quero imaginar! Mais valia dizerem que vinham a caminho os cavaleiros do Apocalipse.

Este é também um livro que comporta uma carga emocional muito forte...<sup>3</sup>

Aproveite os ensinamentos que se seguem e faça alguma coisa da sua vida. Na absurda possibilidade de discordar com algo do que se segue, parta sempre do princípio de que o problema é seu, uma vez que tenho a Verdade, Deus e o Dr. Nuno Melo do meu lado.

---

<sup>3</sup> Peço desculpa por não ter terminado a frase, mas um homem de Direita também se emociona. Prometo que irá perceber mais adiante. Se pertencer à horda da esquerda-lhada, em princípio, já desistiu no prefácio e vai, mais uma vez, viver na ignorância.



Parte I

# Ideias





Conhecer opiniões diferentes ajuda-me a perceber a ignorância das outras pessoas e a reforçar as minhas próprias convicções.



Ideologia

## A arte de estar certo

### O debate como forma de provar a superioridade da direita

**U**ma das vantagens de expor publicamente a minha opinião é que me dá oportunidade de debater com pessoas que pensam de maneira diferente de mim, o que é muito enriquecedor. Conhecer opiniões diferentes ajuda-me a perceber a ignorância das outras pessoas e a reforçar as minhas próprias convicções. Quando me sinto inseguro (incrivelmente, também acontece), vou ler o que pensam os meus opositores e sinto-me automaticamente melhor. O debate democrático é isto: debater com idiotas para reforçar as nossas convicções. É a melhor parte da liberdade de expressão.

É por isso que não deixo de valorizar a esquerda. É a referência de que precisamos para saber o que é estar errado. Se não existissem esquerdalhos, duvidávamos muito mais de nós próprios e, se calhar, não conseguiríamos ser tão de direita. As ideologias erradas e perigosas são boas porque servem de combustível para as ideologias positivas e sensatas como a nossa. Uma coisa é dizer “eu penso assim porque estou certo”; outra coisa é dizer “eu penso assim porque estou certo e porque aqueles imbecis pensam de maneira diferente. Viva a minha opinião! Abaixo a outra opinião!”. Ouvir quem discorda de nós torna-nos mais felizes e convictos. Isto é psicologia social pura. Se não existisse esquerda, andávamos a guerrear entre nós. Como existe esquerda, estamos unidos em função do bem comum: derrotá-los. Não só porque as nossas ideias são as melhores, mas também porque as ideias deles são péssimas.

Mas a razão principal que me faz ser de direita e que me dá a convicção de que tenho sempre razão é que a realidade é de direita. A ideia de

que tenho sempre razão e que os outros estão errados não é algo que eu digo para fora, é uma conclusão baseada na realidade.

É normal que o leitor tenha dúvidas. Foi por isso que decidi escrever este livro e começar a partilhar a minha opinião publicamente. Naquelas alturas em que o leitor duvida sobre qual a opinião certa sobre determinado assunto, deve indagar: “Qual será a opinião do Doutor sobre isto?” Não precisa de imaginar. Poderá pegar no seu exemplar deste livro e ir ver o que eu penso sobre qualquer assunto. É claro que não está aqui tudo aquilo que eu penso. Se fosse escrever tudo aquilo que sei, este livro passava provavelmente os dez milhões de páginas. A editora tentou convencer-me a publicar um livro chamado *Tudo o que eu sei*, por Jovem Conservador de Direita. Mas não iria fazê-lo. Preciso de manter algumas coisas dentro de mim e também é do seu interesse que os nossos adversários não saibam tudo aquilo que eu sei. Porque, nesse caso, saberiam tudo aquilo que sei, mais aquilo que eles sabem. Optando por escrever um livro mais curto, posso manter-me um passo à frente deles. É do seu interesse, como meu admirador e seguidor, e, obviamente, do país. Sobretudo do país.

Quando o Dr. Sun Tzu escreveu o seu livro *A Arte da Guerra*, ainda não existiam livros mas, se existissem, de certeza que haveria uma parte sobre não verter todo o nosso conhecimento em livro, sob pena de dar uma vantagem ao inimigo. É claro que a partir do momento em que eu colocasse tudo aquilo que sei em livro, este tornava-se desatualizado mal eu o terminasse. O meu conhecimento sobre as coisas multiplica-se exponencialmente e teria de mudar o título do livro para *Tudo o que sei até ao momento em que acabei de escrever este livro* por Jovem Conservador de Direita. De qualquer modo, é preferível que o nosso inimigo comum saiba o mínimo possível daquilo que eu sei, ao mesmo tempo que o ajudo a si, caro leitor, a saber o máximo daquilo que eu sei para poder começar a pensar como eu.

Por isso, neste capítulo aproximar-me-ei o máximo possível de expor tudo o que sei, sem denunciar os meus segredos. Procurarei desenvolver um quadro de referência que o leitor poderá aplicar a todas as situações da sua vida e manter sempre um ponto de vista de direita e que lhe dará a confiança de que necessita para expor a sua opinião, e ter sempre razão. Vai confirmar aqui a superioridade da ideologia de direita em relação a todas as questões. Isto é particularmente relevante se estiver

a passar por um processo de transformação, que é o caso de grande parte das pessoas que compraram este livro.

Antes de mais, terá de enfrentar um grande obstáculo que pode deitar qualquer um abaixo: a direitofobia.

### **Direitofobia: a pior e mais ignorada forma de discriminação**

**V**ivemos numa era pós-discriminação. Alguém que discrimine em função de etnia, sexo, religião ou orientação sexual será imediatamente condenado e humilhado em praça pública, sem sequer ter oportunidade de aprofundar o seu ponto de vista. Há, no entanto, uma forma de discriminação que continua a ser aceite. E, pior do que isso, vai aumentando à medida que os outros tipos de discriminação vão diminuindo. Esse tipo de discriminação é a direitofobia. A direitofobia surge sempre associada à superiorofobia (discriminação de quem é superior a todos os níveis, motivada por inveja).

À medida que a sociedade se vai tornando tolerante a comportamentos pecaminosos como a homossexualidade, vai aumentando a intolerância face àqueles que têm a coragem e a presença de espírito de questionar até que ponto é moral ser tolerante em relação a atividades que Deus condena.

De facto, não há nada mais difícil neste país do que ser um jovem de direita, branco, heterossexual e de boas famílias. Somos constantemente insultados e menosprezados pela nossa ideologia e pelo nosso bem-estar material. Desde quando devemos sentir-nos mal por estarmos num patamar superior? Porquê este preconceito em relação a quem é bom?

A verdade é que esta sociedade tendencialmente direitofóbica e superiorofóbica faz com que nos sintamos mal por coisas que nos deviam fazer sentir orgulhosos. O objetivo é claro: querem amesquinhar-nos para, por cobardia, passarmos para o lado deles. É puro bullying. Tenho falado com muitos jovens de direita que fingem ser esquerdalhos, simplesmente para não serem insultados pelos colegas. Alguns deles até são forçados a consumir drogas para provarem que não são de direita. É dramático! Nunca assistiremos a um episódio do programa “E se Fosse Consigo?” ou a marchas sobre um jovem de direita que se vê obrigado a consumir drogas para esconder dos seus pares a sua natureza.



Se um homossexual é insultado, tem uma internet inteira a defendê-lo e disposta a destruir a vida do autor do insulto. Mas, se um jovem de direita é insultado, não há ninguém que o defenda. Para além de mim, obviamente. Por que razão é socialmente aceitável dizer que alguém tem “cabelo à foda-se” e totalmente inaceitável dizer a um homossexual que ele é aquilo que é, mas com sinónimos considerados insultuosos?

Uma das coisas de que mais me orgulho é do meu papel na luta contra o flagelo da direitofobia. Graças a mim, inúmeros jovens de direita que são vítimas de direitofobia podem andar na rua de cabeça erguida sem medo de defenderem os seus ideais, o seu penteado e a sua recusa de comer cão *à la* Kim Jong-Un. Infelizmente, a direitofobia tem levado à opressão, e graças à censura de que somos alvo, já quase nada é aceitável. A vitória da direitofobia é o primeiro passo para o fim da liberdade de expressão.

### **A opressão esquerdalha: o fim da liberdade de expressão como a conhecemos**

*“Primeiro levaram os banqueiros, calei-me. Afinal, sou um preguiçoso e nunca me apeteceu trabalhar tanto como eles. Depois levaram os Gestores de topo, calei-me. Afinal, nem sequer tenho um MBA. Depois levaram os Assessores de Secretário de Estado, calei-me. E até achei bem. Tinha inveja do sucesso deles. Depois vieram buscar-me... e não havia mais quem protestasse.”*

**Dr. Martin Niemöller, melhorado por mim<sup>4</sup>**

**C**omo principal líder de direita do país, sou a última barreira a proteger a liberdade de expressão em Portugal. O principal objetivo das agressões direitofóbicas é calar-nos para impedir que expressemos os nossos pontos de vista livremente. Por isso criaram uma polícia do politicamente correto; uma brigada esquerdalha de pessoas que assumiram o papel de definir aquilo que podemos ou não dizer. O

---

<sup>4</sup> Ao contrário daquilo que se costuma ler na internet, não foi o esquerdalho do Brecht que escreveu a versão original deste poema.

critério deles é simples: todos os comentários de direita são rotulados como ofensivos para alguma minoria; todos os comentários de esquerda são considerados adequados, inclusivos e conforme o *status quo*.



Esta política de pensamento foca-se especialmente no humor. Ao condenarem publicamente como ofensivas todas as piadas de direita, estão a retirar-nos a alegria de viver. Um jovem de direita já não pode rir livremente neste país porque a esquerda convencionou que as coisas a que ele acha piada não são politicamente corretas. A direitofobia suga a alegria de dentro de nós, para depois nos destruir como seres humanos.

Ao contrário da esquerda, uma pessoa de direita tem sentido de humor e defende que não devem existir limites para o humor, desde que seja mantido o devido respeito por certas figuras, instituições e alguns temas sensíveis, obviamente<sup>5</sup>.

A ironia é que depois riem-se desbragadamente de piadas que nunca deveriam sequer ser feitas e/ou pensadas sobre Deus, a virgindade de Nossa Senhora e a alegada e caluniosa suspeita de homossexualidade de

<sup>5</sup> Isto não são limites, obviamente. São recomendações que, mediante ponderação, poderão levar ou não a censura.

certos bastiões da direita. É a clássica hipocrisia da esquerda. Nós, de direita, podemos ter muitos defeitos, mas somos sinceros e não temos medo da crítica. Por outro lado, se queremos fazer humor com homossexuais, somos logo acusados de homofobia. Mas haverá alguma coisa mais engraçada do que um homossexual? Quem é que consegue conter o riso quando vê um José Castelo Branco a bambolear-se que nem um pavão? 90% das piadas de humoristas portugueses nos últimos 20 anos são sobre o José Castelo Branco (os outros 10% são sobre religião). Se a polícia do politicamente correto levar a sua avante, vamos estar limitados a piadas sobre religião. Um tema com o qual não se deve brincar. Além disso, se um homossexual não tem vergonha de se andar a pavonear pelas ruas, afirmando o orgulho pelas suas práticas pecaminosas, porque é que fica tão chateadinho se lhe chamarem larilas? A homofobia só acabará verdadeiramente quando nos sentirmos livres para dizer coisas homofóbicas<sup>6</sup> sem que os homossexuais se transformem numas bichas hísticas e ofendidas. Será que não se sentem bem com eles próprios?



<sup>6</sup> Ou o que quer que se sinta confortável a chamar-lhes: larilas, maricas, etc. Ou somos todos Charlie ou não somos, não é assim?

A esquerda, ao usar a sua liberdade de expressão para atacar os nossos humoristas, está a atacar a liberdade de expressão. É triste e totalitário.

Infelizmente, a política do politicamente correto não se limita à censura da comédia. Eles estão constantemente a policiar a nossa linguagem, procurando inferir através do uso de determinadas palavras os nossos preconceitos. Por exemplo, vejamos este título que surgiu na capa do *Correio da Manhã* do dia 26 de novembro de 2015:



Seria um título perfeitamente normal numa sociedade saudável. De facto, o Costa chamou uma cega e um cigano para o Governo. Mas a polícia do politicamente correto não concordou. O facto que o *Correio da Manhã* noticiou foi a chamada de uma ceguinha e de um cigano para o Governo. Segundo a polícia do politicamente correto, não deveriam ter dado esta notícia<sup>7</sup>.

O que eles não dizem é como é que o *Correio da Manhã*, cuja função é informar os portugueses com isenção, ia noticiar o facto de termos uma cega e um cigano no Governo. Como é que se diz cigano e ceguinha na novilíngua da esquerdalha politicamente correta? Gostava mesmo de saber. É que não quero ir preso quando peço a um estagiário para ir dar uma esmola à ceguinha ou quando aviso as crianças para terem cuidado com os ciganos.

Como é que um esquerdalho diz a um filho para ter cuidado com os ciganos?

“Cuidado com aquele senhor que é advogado, militante do PS e de etnia roma.”

As crianças sabem lá o que é roma. Isto é empurrá-las diretamente para os braços dos ciganos.

Não podemos tolerar esta ameaça à liberdade de expressão que é o

<sup>7</sup> O que não percebo é o que é que para eles é ofensivo: o Costa ter chamado uma cega e um cigano para o Governo, ou dar a notícia de que o Costa chamou uma cega e um cigano para o Governo.

politicamente correto. Como é que a sociedade evolui, se não podemos chamar as coisas pelos nomes? Um cigano é um cigano. Uma cega é uma cega. Um homossexual é uma palavra com muitos sinónimos.

A vantagem de se ser de direita é que chamamos as coisas pelos nomes e isso torna-nos mais focados na resolução de problemas. Porque focamo-nos no que interessa e não estamos preocupados se o que dizemos vai ferir os sentimentos de x e y<sup>8</sup>.

**A direita é pragmática: os problemas são para resolver, não são um pretexto para andarmos a chatear toda a gente**

**A** direita olha para um problema e resolve-o. Quando vemos uma coisa, vemos um desafio, algo que temos de mudar. Pelo contrário, um esquerdalho, quando vê uma coisa que quer mudar, faz questão de gritar através de um megafone para chatear toda a gente que está à volta dele. Protestar é fácil, fazer é que é difícil.

Os esquerdalhos, quando identificam um problema, organizam uma manifestação. Vão para a rua gritar, espernear, agitar vassouras, empunhar cartazes, cantar a “Grândola”, chorar através de megafones e, quando voltam para casa, estão muito mais calmos. A seguir, partilham as fotografias deles próprios a empunhar cartazes na manifestação no Facebook, como prova de que fizeram tudo o que estava ao seu alcance para acabar com o neoliberalismo. É algo que os acalma e deixa satisfeitos até à próxima manifestação. Isso é bom para a direita, porque os períodos entre manifestações correspondem a uma paz inestimável. Os supostos problemas que motivaram a esquerda a manifestar-se continuam lá e vão continuar. Porque a realidade é de direita e não há nada que eles possam fazer para mudar isso.

As manifestações são o SPA da esquerda. Eles vão lá quando precisam de acalmar. O que é bom para nós, de direita, quando estamos no Governo. É só tapar os ouvidos nos dias das manifestações e, quando acabarem, podemos continuar a trabalhar sem que nos chateiem constantemente.

---

<sup>8</sup> Para que fique claro e porque gosto de tratar as coisas pelos nomes, na maior parte das vezes, x = homossexual e y = feminista.

## AS MANIFS SÃO O SPA DA ESQUERDA



Nós, quando precisamos de acalmar, vamos a SPA a sério. Durante o resto do tempo, estamos ocupados a resolver os problemas. A esquerdalha gosta de falar e gritar histericamente sobre os problemas. Ou, pior do que isso, transformar problemas que são evidentes para toda a gente em não-problemas porque tem medo de os enfrentar.

Por exemplo, um esquerdalho olha para um obeso e vê um doente. Não o quer ofender, chamando-lhe aquilo que ele é: um gordo. E convence-o de que o problema dele tem causas externas. Que a culpa é da sociedade e dos padrões irrealistas de beleza e dos hambúrgueres deliciosos do McDonald's. Quando isso não resulta, diz-lhe que deve ter orgulho em ser gordo e que a sociedade não tem de lhe dizer como é que ele se deve sentir bem.

Uma pessoa de direita olha para um gordo como um problema que tem de resolver. Os padrões de beleza estão certos: os gordos são feios e precisam de ser reduzidos.<sup>9</sup> Um gordo é gordo porquê? Porque

<sup>9</sup> Por algum motivo é que ninguém olha para fotografias de “Antes e Depois” usadas em produtos dietéticos e diz: “Esta pessoa nunca devia ter começado a tomar este produto, estava muito melhor na primeira fotografia.”

come muito. A maneira de resolver o problema é fazê-lo sentir-se mal por comer e por ser gordo. Um gordo não é uma pessoa de confiança. Gosta muito de culpar o metabolismo mas na verdade é dado à preguiça. Comer é fácil. Difícil é transformar calorias em trabalho.

Quando aponto uma evidência destas, o primeiro instinto da polícia do politicamente correto é apontar-me o dedo e dizer que eu não posso dizer mal dos gordos “porque a obesidade é uma doença e, coitadinhos, ainda vão ficar tristes”. Pois informo-os duma coisa: os obesos adoram ficar tristes porque é mais um pretexto para irem comer. Também gostam que os tratem como doentinhos porque, assim, ninguém os pode chamar à atenção por estarem sempre a comer. É o problema da nossa sociedade. As pessoas não assumem responsabilidade por nada. Ao tratá-las com condescendência, depois de terem comportamentos completamente deploráveis, como enfardar salsichas até chegarem aos 300kg, não as estamos a ajudar. Ao ser cruel com os gordos, estou a ser mais amigo deles do que os esquerdalhos, que têm muito medo de ferir os seus sentimentos.

Posso contar-vos uma história que comprova esta teoria. Uma prima minha era extremamente gorda e emagreceu porque toda a família decidiu que ia chamar-lhe cachalote e fazer o barulho da marcha atrás dos camiões sempre que ela se aproximasse de alguma coisa. Obviamente, resultou! Até resultou bem de mais, na verdade, porque ela tornou-se anorética. Mas o que importa é que resultou! Agora andamos a tentar curar-lhe a anorexia. Chamamos-lhe esqueleto e pau de virar tripas, e fingimos que ela é translúcida para lhe atirmos coisas “sem querer”, como quem diz: “Ai, estás aí? Não te tinha visto! Queria atirar esta coxa de peru contra a parede! Aproveita que ela está aí, apanha-a e come porque pareces um pau de virar tripas, rapariga!” Um dia vamos encontrar o equilíbrio. Mas o que importa é que estamos focados na resolução do problema, não nos sentimentos do problema que temos de solucionar.

Esta abordagem não funciona só com gordos. Como poderá verificar mais à frente, também funciona com desempregados, subsídio-dependentes e velhos.